

Relógio D'Água - Clássicos para Leitores de Hoje

Madame de Lafayette

A Princesa de Clèves



A Princesa de Clèves

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: A Princesa de Clèves
Título original: *La Princesse de Clèves* (1678)
Autora: Madame de Lafayette
Tradução e notas: João Moita
Revisão de texto: Rute Mota
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre fragmento de *Antea* (c. 1524–1527) de Parmigianino

© Relógio D'Água Editores, novembro de 2017

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-800-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 434127/17

Madame de Lafayette

A Princesa de Clèves

Tradução e notas de
João Moita

Clássicos para Leitores de Hoje

A senhora de Clèves leu e releu esta carta uma quantidade de vezes sem no entanto perceber o que lia: via apenas que o senhor de Nemours não a amava como havia julgado, e que ele amava outras que enganava como a enganava a ela. Que visão e que descoberta

para uma pessoa com o seu temperamento, que sentia uma paixão tão violenta, de que acabava de dar mostras a um homem que ela julgava indigno, assim como a outro que ela maltratava por causa do amor que tinha ao primeiro! Nunca uma aflição foi tão pungente e tão viva: parecia-lhe que o azedume desta aflição vinha do que se passara nesse dia, e que, se o senhor de Nemours não tivesse razões para acreditar que ela o amava, tanto se lhe daria que ele tivesse amado outra. Mas estava a iludir-se a si própria, e esta dor, que ela julgava tão insuportável, era o ciúme, com todos os horrores que vêm com ele. Ficava a saber por esta carta que o senhor de Nemours tinha uma galantaria há muito tempo. Era da opinião de que quem quer que tivesse escrito aquela carta não estava desprovida de carácter e mérito; ela parecia-lhe digna de ser amada; via nela mais coragem do que em si própria, e invejava-lhe a audácia que tivera de esconder os seus sentimentos ao senhor de Nemours. Percebia, pelo final da carta, que esta pessoa se cria amada; pensava que a discrição que o príncipe lhe dera a entender, e que tanto a comovera, não passava, talvez, de um efeito da paixão que ele tinha por aquela mulher a quem receava desagradar. Enfim, pensava em tudo o que podia aumentar a sua aflição e o seu desespero. Quantas vezes não repisou ela todas as suas atitudes?! Quantas vezes não refletiu sobre os conselhos da mãe?! Quanto não se arrependera já de não se ter obstinado em manter-se afastada do comércio mundano, não obstante a opinião do senhor de Clèves, ou de não ter concretizado a ideia que tivera de lhe confessar a inclinação que tinha pelo senhor de Nemours! Achava que teria sido melhor se a tivesse confessado a um marido cuja bondade ela conhecia, e que teria tido interesse em escondê-la, em vez de a dar a entender a um homem que não era digno dela, que a enganava, que a sacrificava, talvez, e que só movido por sentimentos de orgulho e de vaidade é que pensava em fazer-se amar por ela. Enfim, acreditava que tudo o que de mal lhe pudesse acontecer e todos os extremos a que se pudesse alçar, eram menos importantes do que o facto de ter dado a entender ao senhor de Nemours que o amava e de ter ficado a saber que ele amava outra. A única coisa que a consolava era pensar que depois de fazer essa descoberta já nada tinha a recear de si mesma, e que pelo menos ficaria completamente curada da inclinação que tinha por aquele príncipe.

Não se lembrou da ordem que a senhora delfina lhe havia dado de se encontrar com ela à hora de se deitar; pôs-se na cama e fingiu sentir-se doente; de maneira que, quando o senhor de Clèves chegou dos aposentos do rei, lhe disseram que ela dormia; mas ela estava bem longe de sentir a tranquilidade que predispõe ao sono. Passou a noite sem fazer outra coisa além de se afligir e reler a carta que tinha nas mãos.

A senhora de Clèves não era a única pessoa a quem esta carta perturbava o sono. O vidama de Chartres, que a tinha perdido, e não o senhor de Nemours, estava numa grande inquietação; passara todo o serão na casa do senhor de Guise, que dera uma ceia ao senhor duque de Ferrara, seu cunhado, e a todos os jovens da corte. O acaso fez com que se falasse à ceia de cartas de amor. O vidama de Chartres disse que trazia uma consigo, a mais galante de todas as que alguma vez foram escritas. Pediram-lhe que a mostrasse: ele recusou-se. O senhor de Nemours sustentou que ele não tinha carta nenhuma e que só se estava a gabar. O vidama respondeu-lhe que levava a sua descrição muito a sério, que, embora não mostrasse a carta, podia ler algumas passagens que provavam que poucos homens as recebiam como aquela. Enquanto dizia isto, procurava a carta sem a conseguir encontrar; era inútil continuar; caíram todos em cima dele, mas ele parecia tão ansioso que deixaram de lhe falar do assunto. Retirou-se mais cedo do que os outros e foi para casa, impaciente por ver se não tinha lá deixado a carta que lhe estava a faltar. Estava ainda a procurá-la quando o primeiro-camareiro da rainha veio ao seu encontro para lhe dizer que a viscondessa de Uzès achara necessário avisá-lo com toda a presteza que se dissera nos aposentos da rainha que lhe caíra uma carta de galantaria do bolso enquanto disputava uma partida de pela; que recitaram uma grande parte do seu conteúdo; que a rainha havia manifestado muita curiosidade por lê-la; que a mandara procurar a um dos fidalgos que a serviam, mas que ele lhe respondera que a tinha deixado nas mãos de Chastelart.

O primeiro-camareiro disse ainda muitas outras coisas ao vidama de Chartres que acabaram por deixá-lo perturbado. Partiu imediatamente para ir a casa de um fidalgo que era amigo íntimo de Chastelart, e, sem ligar ao avançado da hora, fê-lo levantar-se e ir buscar

a carta, sem dizer quem a pedia e quem a havia perdido. Chastelart, que estava convencido de que a carta pertencia ao senhor de Nemours e de que esse príncipe estava apaixonado pela senhora delfina, não duvidava que fosse ele que a estivesse a reclamar. Respondeu, não sem alguma malícia, que entregara a carta à rainha delfina. O fidalgo veio transmitir esta resposta ao vidama de Chartres, o que aumentou ainda mais a inquietação em que já estava e deu-lhe novas com que se preocupar. Depois de estar muito tempo irresoluto quanto ao que fazer, chegou à conclusão de que só o senhor de Nemours podia ajudá-lo a sair daquele embaraço.

Foi ter com ele a sua casa e entrou no seu quarto com o dia a despontar. O príncipe dormia um sono tranquilo; aquilo que vira no dia anterior da senhora de Clèves dera-lhe perspectivas agradáveis. Ficou bastante surpreendido por ser acordado pelo vidama de Chartres, pelo que lhe perguntou se era para se vingar do que lhe dissera durante a ceia que vinha perturbar o seu repouso. O vidama deu-lhe a entender pelo olhar que era sério o assunto que ali o trazia.

— Venho confiar-lhe o assunto mais importante da minha vida — disse-lhe ele. — Bem sei que não tem obrigação, até porque sou eu que tenho necessidade do seu auxílio, mas também sei que perderia a sua estima se lhe contasse tudo o que lhe vou contar sem que a necessidade a isso me constrangesse. Deixei cair a carta de que falava ontem à noite; é-me absolutamente indispensável que ninguém saiba que ela me é dirigida. Foi vista por muita gente que assistia à partida de pela, onde ontem caiu; o senhor também lá estava, e por isso peço-lhe o favor de dizer que foi o senhor que a perdeu.

— É preciso que julgue que eu não tenho nenhuma amante — respondeu o senhor de Nemours, sorrindo — para me fazer uma proposta dessas e para imaginar que não haja ninguém com quem eu me possa indispor ao dar a entender que recebo cartas dessas.

— Suplico-lhe — disse o vidama —, isto é muito sério. Se tem uma amante, o que eu não duvido, ainda que não saiba quem possa ser, ser-lhe-á fácil justificar-se e eu mesmo providenciarei meios infalíveis com vista a esse fim; e, ainda que não se conseguisse justificar, tudo não passaria de um desentendimento passageiro; mas eu, com esta aventura, desonro uma pessoa que me amou apaixonadamente e que é uma das mulheres mais estimáveis do mundo, e, por

outro lado, atraio sobre mim um ódio implacável, que me custará a minha fortuna e talvez algo mais.

— Não posso entender tudo o que diz — respondeu o senhor de Nemours —, mas faz-me entrever que os boatos que correram acerca do interesse que uma grande princesa tinha em si não eram inteiramente falsos.

— Não eram, de facto — retorquiu o vidama de Chartres —, e provesse a Deus que o fossem, e eu não me encontraria na dificuldade em que me encontro; mas para lhe dar uma ideia do quanto tenho a temer, preciso de lhe contar tudo o que se passou.

«Desde que cheguei à corte, a rainha tratou-me sempre com muita graça e distinção, o que me levou a acreditar que ela me estimava. No entanto, não havia aí nada de extraordinário, e eu não sonhava sequer em nutrir sentimentos por ela que não fossem respeitosos. Estava inclusivamente fortemente apaixonado pela senhora de Thémynes. Ao vê-la, é fácil perceber que se pode amá-la muito quando por ela se é amado, e eu era-o. Há quase dois anos que, como a corte estava em Fontainebleu, estive duas ou três vezes à conversa com a rainha numa altura em que estava pouca gente. Pareceu-me que o meu carácter lhe agradava e que ela concordava com tudo o que dizia. Um dia como os outros pusemo-nos a falar acerca da confiança. Disse-lhe que não havia em quem eu depositasse a minha; que era da opinião de que sempre nos arrependíamos de a ter depositado em alguém e que sabia muitas coisas de que nunca tinha falado. A rainha disse-me que me estimava muito por isso; que não encontrara ninguém em França que soubesse guardar um segredo e que isso era o que mais a incomodava, porque isso lhe tinha tirado todo o prazer de ter um confidente; que era uma coisa necessária nesta vida ter alguém a quem pudéssemos falar, sobretudo no que respeita a pessoas do seu nível. Nos dias que se seguiram, ela retomou ainda algumas vezes este tema; chegou mesmo a contar-me algumas coisas singulares que então se passavam. Por fim, pareceu-me que ela queria arrancar-me os meus segredos para depois me confiar os seus. Este pensamento aproximou-nos; fiquei comovido com esta distinção e fiz-lhe a corte muito mais assiduamente do que era meu costume. Uma noite em que o rei e todas as damas tinham saído para um passeio a cavalo na floresta, no qual ela não quisera participar

por se sentir um pouco adoentada, fiquei a fazer-lhe companhia; ela desceu até à borda do lago e largou a mão dos seus escudeiros para caminhar com mais liberdade. Depois de ter dado algumas voltas, aproximou-se de mim e pediu-me que a seguisse. “Preciso de lhe falar”, disse-me ela, “e verás, pelo que tenho a dizer-lhe, que sou sua amiga.” Deteve-se aqui e, olhando-me fixamente, continuou: “O senhor está apaixonado”, continuou ela, “e, talvez porque não confia em ninguém, crê que o seu amor não é conhecido; mas está enganado, ele é do conhecimento até das pessoas interessadas. O senhor é observado, são conhecidos os locais onde se encontra com a sua amante e há quem pense em surpreender-vos. Não sei quem é ela e também não lho vou perguntar, só quero protegê-lo dos infortúnios que lhe podem sobrevir.” Veja bem, rogo-lhe, que cilada me armava a rainha e como era difícil não cair nela. Queria saber se eu estava apaixonado, e, não me perguntando quem era e dando-me a entender que a sua única intenção era agradar-me, não me deixava perceber se falava por curiosidade ou com outro propósito.